

Do diário de uma qualquer mulher

Te esperei hoje, Sedenta. Não que isso seja algo novo, mas estava. Vento ardia em minha pele e fazia cócegas em minhas coxas. Respiração ofegava e o colo saltava, ao lembrar afagos, posições, lugares. Tarde quente, gotas de suor, pessoas curiosas. Um sorriso displicente teimava em escapar.

Estava de saia, é claro, precisava estar. Saia é roupa de mulher. E hoje eu estava mulher como há tempos não me sentia. A umidade em meus lábios fazia par com a vibração dos meus olhos. Deuses e diabos conspiravam, meus pensamentos vagavam sem a menor vontade de encontrar algum rumo, talvez porque o momento não era de pensar. Eu sabia o que queria. E principalmente, sabia como queria.

Vontades me tomavam. Afinal, do que somos feitos? Adoro o pecado, isso é fato. Minha paciência estava acabando. Queria ser levada pelo braço, ouvindo impropérios e indecoros no ouvido. Queria sentir o calor da sua respiração em meu pescoço, descendo pelos seios, percorrendo caminhos.

Queria ouvir propostas, novas significações para velhas palavras. Fazer, sugar, trepar... Mas não me importaria com termos científicos, tão mágicos, tão purificadores. Não. Bastava chamar-me do que sei ser, bastava ouvir a palavra de ordem e a puta apareceria para te dar o que você merecia.

Amanda Maia
Publicado originalmente em meu blog
Caleidoscópio do Éden
em 11/1/2006

Amanda Maia

